

PRESSUPOSTOS ANDRAGÓGICOS DA APRENDIZAGEM DO ADULTO



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ANEXO 2
ANDRAGOGIA: RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO
DE ADULTOS

ANDRAGOGIA: RESSIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO DE ADULTOS¹

O termo “Andragogia” surgiu em 1967, como disciplina e parte integrante das ciências no campo da educação dos adultos, com o artigo “Andragogy, not Pedagogy”, publicado por Malcolm Knowles. No entanto, segundo Osorio (2003) este termo já tinha sido usado pela primeira vez em 1926, no contexto anglo-saxão, por Lindeman, quando da publicação da sua obra “The Meaning of Adult Education”. Desta forma, Lindeman foi um grande impulsionador da educação de adultos, defendendo naquela época, que a educação é vida e não preparação para vida, que a educação de adultos se centra em ideais, não exclusivamente profissionais, em que o seu enfoque se direciona no caminho das “situações de vida”, não nos temas ou conteúdos, e o seus principais recursos são as “experiências de vida”, Osorio (2003).

Malcom Knowles, vem mais tarde, defender com mais veemência e rigor o propósito de uma disciplina da educação e formação de adultos, a Andragogia. Segundo Osorio, “Knowles, será quem mais se empenha na defesa de um termo independente para se referir à prática e ao estudo de adultos com base no fato de, apesar de alguns princípios da educação infantil serem aplicáveis à dos adultos, a sua posição social, as suas responsabilidades perante os outros e as suas funções são muito diferentes das primeiras idades e isso exige uma nova disciplina”, (2003, p. 92). De acordo com Canário (1999), seria através da Andragogia, considerada por Knowles como a “nova arte da formação”, que se tornaria possível acabar com a forma de educar os adultos como se fossem crianças, deixando de lado o modelo pedagógico, consolidado na forma escolar tradicional.

O modelo andragógico surge então associado a uma contradição do modelo pedagógico, sendo pertinente reportar-nos para as diferenças que lhes estão subjacentes. Como refere Osorio (2003, p. 93),

a andragogia é, portanto, a arte e a ciência de ajudar os adultos a aprender, por oposição à pedagogia como arte e ciência de ensinar às crianças. A andragogia baseia-se noutros pressupostos de aprendizagem e de ação com os adultos. Portanto, é necessário um salto qualitativo no momento de estudar, compreender e praticar a educação de adultos.

Para uma compreensão mais clara das diferenças e pressupostos dos dois modelos, apresentamos de seguida um quadro, onde se resume, quer um conjunto de postulados do modelo pedagógico, quer as contra-hipóteses andragógicas:

¹ Texto base disponível em: <http://docslide.com.br/education/andragogia-nova-arte-de-formacao.html>. Acesso em 13 set. 2016. Reformulado e ampliado para a oficina do Formação em Ação “Andragogia” por Edilson Gomes Costa (DEJA/SEED).

QUADRO 01: Hipóteses pedagógicas e contra-hipóteses andragógicas

Pressupostos	Pedagogia	Andragogia
Necessidade de saber	Os educandos apenas sabem que devem aprender aquilo que o professor lhes ensina.	O adulto tem necessidade de conhecer os motivos pelo qual deve aprender antes de se comprometer com a aprendizagem.
Conceito de si	O professor vê no aluno um ser dependente. É esta dependência marca, também, a autoimagem daquele que aprende.	O adulto está consciente da responsabilidade das suas decisões e da sua vida. Torna-se necessário que seja encarado como indivíduo capaz de se auto gerir.
Papel da experiência	A experiência do educando é considerada de pouca utilidade. Dá-se importância à experiência do professor ou dos materiais didáticos e pedagógicos.	Adultos são portadores de uma bagagem de experiências. A educação adulta deve centrar-se nos processos individuais de aprendizagem face aos processos mais coletivos de outras etapas evolutivas.
Vontade de aprender	A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar: a finalidade de obter êxito e progredir, em termos escolares	Os adultos têm a intenção de iniciar o processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para determinadas situações do dia-a-dia, na vida real.
Orientação da aprendizagem	Aprendizagem encarada como um processo de aquisição de conhecimentos. Lógica centrada nos conteúdos.	Aprendizagem encarada como resolução de problemas e tarefas da vida quotidiana.
Motivação	Motivação para aprendizagem é extrínseca ao sujeito: pressões familiares, apreciações dos professores, classificações escolares.	Motivação para a aprendizagem também extrínseca (promoção profissional, melhor salário, etc.), mas principalmente intrínseca (auto-estima, satisfação profissional, qualidade de vida)

Fonte: Canário, R. (1999). Educação de Adultos: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa, pp. 132, 133. & Osorio, A. (2003). Educação Permanente e Educação de Adultos. Lisboa: Horizontes

Assim, a Andragogia surge como contradição ao modelo pedagógico, centrando-se numa etapa de vida onde os interesses e as motivações são diferentes, passando da aquisição fundamental de conhecimentos com base em conteúdos disciplinares (modelo

pedagógico) para o desenvolvimento de competências, através da resolução de problemas e com o recurso das experiências de vida².

Posto isto, como afirma Osorio (2003), o seu principal ponto de referência apoia-se no facto evolutivo que marca uma tendência na natureza humana – de uma maior dependência a uma maior independência. Com o avanço desta evolução é exigido um tipo de relação educativa e de aprendizagem distinto. A. Krajn (1993) propõe um ciclo andragógico estruturado em cinco fases:

1ª Fase <i>Identificação das necessidades educativas</i>	O andragogo tem que identificar as verdadeiras necessidades educativas dos adultos. Estabelecem-se metas e objetivos com a finalidade de satisfazer as necessidades individuais e sociais do sujeito;
2ª Fase <i>Planificação do programa</i>	A eficácia da educação de adultos depende, o quando a iniciação da formação, se tenha em conta a experiência prévia e o nível educativo dos alunos. O programa deve estar aberto a mudanças que poderão surgir quando se revelam novas necessidades educativas;
3ª Fase <i>Planificação dos métodos</i>	Devem estar adequados aos hábitos e às técnicas dos adultos;
4ª Fase <i>Aplicação do programa</i>	Essencialmente o trabalho em grupo, porém o estudo independente também permite aos indivíduos uma maior responsabilidade pela sua própria aprendizagem;
5ª Fase <i>Avaliação dos resultados e rediagnóstico da aprendizagem</i>	Tendo em conta que a educação de adultos se firma como uma espiral de ciclos andragógicos, orientados para um objetivo educativo definitivo que, na realidade, nunca se consegue alcançar, uma vez que se centra no «pleno desenvolvimento do ser humano», torna-se difícil a sua avaliação.

Os métodos atuais de avaliação são insuficientes para avaliar mudanças quer na personalidade, nas atitudes e até mesmo nos valores produzidos pela educação dos indivíduos. (OSÓRIO, 2003). No entanto, ao analisar atentamente os seus pressupostos, Canário (1999) afirma que a visão da andragogia como uma perspectiva original e “revolucionária” da situação educativa, torna-se bastante limitada se se considerar o seu carácter simplificador, dicotómico e normativo sobre a ação educativa. Ao se constituir um contraponto a uma pedagogia escolar tradicional, converte-se fundamentalmente numa teoria específica da “aprendizagem adulta” (Osorio, 2003).

² Para Knowles, a autobiografia é um dos melhores sistemas de formação de adultos. (Osorio, 2003).

Este antagonismo entre a pedagogia e a andragogia apresenta-se, em grande medida, factício, sendo possivelmente mais sensato diferenciar os variados métodos de formação (Léon, Apud Canário, 1999), em que a multiplicidade combinatória deverá corresponder à diversidade dos públicos jovens, adultos e crianças. Esta distinção, mas sobretudo a oposição maniqueísta estabelecida entre a andragogia e a pedagogia é expressamente reforçada por Knowles, ao considerar o modelo pedagógico idealista, enquanto que o modelo andragógico se apresenta como “um sistema contra-hipóteses”, sendo esta a diferença fundamental entre ambos.

R. Flecha (Apud Osório, 2003) na sua concepção, não perspectiva a idade como fator decisivo para a criação de uma independência no processo de aprendizagem, uma vez que a educação e formação de adultos deverá ter em atenção elementos gerais da fundamentação educativa e também de outros elementos próprios do seu campo. Desta forma, e parafraseando Osório (2003) “[...] o conhecimento e a fundamentação da educação de adultos deve contemplar os elementos gerais da educação, assim como os próprios, sem com isso optar por uma disciplina específica como a proposta por Knowles e outros autores”.

A solução não passaria por a construção de um processo de aprendizagem adulta, pois tanto as crianças como os adultos são independentes (em diferentes graus, mas não em diferentes naturezas) e inovadores nos processos que utilizam. Knowles não é indiferente aos limites radicais entre os dois modelos, referindo que o modelo pedagógico constituiu uma parte do modelo andragógico: “o modelo pedagógico é um modelo ideológico que exclui todas as hipóteses andragógicas, enquanto que o modelo andragógico é um sistema de hipóteses que compreende as hipóteses pedagógicas” (cit. in Canário, 1999, p. 134). Posto isto, este panorama suporta a pertinência da construção de uma “teoria geral de aprendizagem”, em que os mesmos princípios seriam válidos para diferentes públicos-alvo, principalmente no que concerne à sua faixa etária, desmistificando a criação de um processo de aprendizagem adulto (idem, 1999).

No entanto, ainda que a proposta de Knowles tenha recebido algumas críticas, o certo é que contribuiu, efetivamente, para a abertura a uma teorização e prática diferentes do modelo escolar e compensatório. Desta forma, segundo Canário (1999) o contributo principal da andragogia esbateu-se, exatamente, no encorajamento de práticas de educação alternativas que permitiram uma crítica, um enriquecimento e uma superação da forma escolar. Canário (1999) afirma que para se sair do impasse a que o conceito de andragogia se alicerçou, é necessário, e só assim será possível, a criação de uma nova epistemologia de aprendizagem do adulto, que segundo Bourgeois e Nizet (1997, op. Cit.), tenha em conta o funcionamento e desenvolvimento humano.

Segundo DeAquino (2007), a andragogia, inicialmente definida como a arte de ajudar os adultos a aprender, apresenta-se atualmente como uma alternativa à pedagogia e refere-se à educação centrada no aprendiz para pessoas de todas as idades. Sabemos que à medida que as pessoas amadurecem, sofrem transformações como: passar de dependentes para indivíduos independentes, autodirecionados; acumular experiências de vida que vão fundamentar o substrato de seu aprendizado; direcionar seus interesses para o desenvolvimento das habilidades que utiliza em seu papel social; esperar uma imediata aplicação prática do que aprendem; preferir aprender para resolver problemas e desafios e passar a apresentar motivações internas mais intensas do que motivações externas (Knowles, 2005).

Dessa forma, a andragogia é descrita mais como uma forma sequencial do modo de aprender do que como uma teoria (Kaufmann, 2000). Ela oferece, quando muito, as diretrizes de aprendizagem para pessoas que tenham tendência à autonomia e à autoinstrução. São sete as hipóteses por ele levantadas:

1. É necessário um ambiente de aprendizagem eficaz. Os estudantes devem se sentir calmos do ponto de vista psíquico. Eles devem se sentir seguros para se exprimir sem se expor ao julgamento ácido ou ao ridículo.
2. Os estudantes devem participar da elaboração do programa de estudos que deve ser efetivo para o conteúdo e para o processo de aprendizagem.
3. Devem ser estimulados a participar na determinação de suas necessidades educativas o que favorece a automotivação, auto-avaliação e a reflexão.
4. Os estudantes devem fixar suas necessidades de aprendizagem, ou seja, a responsabilidade principal por seu aprendizado é deles próprios.
5. Deve-se incitá-los a identificar os recursos necessários para que atinjam os objetivos de aprendizado. Esse princípio estabelece a ligação entre as necessidades, os recursos e os objetivos finais da aprendizagem.
6. Auxiliar os estudantes a colocar em prática seus projetos de aprendizagem. Um dos elementos-chave da motivação é a expectativa de alcançar um bom resultado. Quando muito cobrado, ele perde a motivação para estudar, aparecendo o mal resultado.
7. É necessário que os estudantes estejam implicados em seus próprios processos de avaliação. Essa é uma ferramenta fundamental ao processo de aprendizado autodirigido e que necessita de reflexão crítica.

Knowles (2005), afirma, ainda, que o comportamento do aprendiz varia de acordo com a aprendizagem e que situações da vida afetam também o estilo andragógico de

aprendizagem. Experiências passadas e atuais também ajudam a formatar a aprendizagem, sendo que adultos aprendem mais no contexto da vida real, sendo motivados em aprender para solucionar problemas. Durante anos se refinou o modelo andragógico emergente, o que, em nossa opinião, fortaleceram-no. Aprender é um fenômeno complexo que desafia qualquer modelo.

Em contraposição ao modelo pedagógico, Chotguis (2007) relata que o modelo andragógico é baseado em vários outros pressupostos, dentre os quais destacamos:

1. A Necessidade de Saber. Os adultos investem energia investigando o que ganharão em aprender algo, assim, necessitam saber PORQUÊ aprender.
2. Autoconceito do Aprendiz. Os adultos respondem ao autoconceito de serem responsáveis pela própria vida e pelo que acontece com ela, inclusive pelo que aprende.
3. O Papel das Experiências dos Aprendizes. Os adultos acumulam mais experiências e de diferentes tipos, do que na juventude.
4. Prontos para Aprender. Adultos estão prontos para aprender o que vai fazer diferença em sua vida cotidiana, em situações reais.
5. Motivação. As pressões internas, como desejo de satisfação no trabalho e autoestima são motivadores mais potentes para os adultos do que as externas, como melhor emprego, salário etc.

Knowles (2005), afirma que, ao se considerar uma teoria, deve-se entender as complexidades envolvidas na definição de educação e aprendizagem. Educação enfatiza o educador, enquanto a aprendizagem enfatiza a pessoa na qual ocorrerão mudanças. Embora esta definição seja facilmente compreensível, desenvolver uma definição de trabalho de aprendizagem é muito mais complexa.

REFERÊNCIAS

- BELLAN, Z. S. **Andragogia em Ação**: Como ensinar adultos sem se tornar Maçante, Santa Bárbara do Oeste, SOCEP Editora, 2005.
- BUSATO, Z. S. L. **Avaliação nas práticas de ensino e estágios**: A importância dos registros na reflexão sobre a ação docente. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- CANÁRIO, R. **Educação de Adultos**: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa, 1999. pp. 132, 133.
- CAVALCANTI, R.A. **Andragogia**: A aprendizagem nos adultos. Rev. De Clínica Cirúrgica da Paraíba, n.6, Ano 4, Jul. 1999.

- CHASSOT, A. **Alfabetização Científica**: Questões e desafios para a educação. 4 ed. Editora Unijuí. Ijuí 2006.
- CARVALHO, J. A.; CARVALHO, M. P. de; BARRETO, M. A. M; ALVES, F. A. **Andragogia**: considerações sobre a aprendizagem do adulto. In Revista REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente, v.3 n. 1 p. 78-90, Abril 2010.
- CHOTGUIS, J., **Andragogia**: Arte e ciência na aprendizagem do adulto - Disponível em www.serprofessoruniversitario.pro.br. Acessado em 14/09/2016.
- DEAQUINO, T. C. E., **Como Aprender**: Andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2007.
- DANYLUK, S. O. **Educação de Adultos**. Ampliando horizontes de conhecimento, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001.
- FINGER, M., ASÚN, J. M. **A Educação de Adultos numa Encruzilhada**: Aprender a nossa saída. Porto - Portugal, Porto Editora, 2003.
- FREIRE, P. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, 3. ed. São Paulo, Moraes, 1980.
- _____. **Educação Como Prática da Liberdade**. 21. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra S/A, 1992.
- HAMZE, A. **Andragogia e a arte de ensinar aos adultos**, Acessado em 14/09/2016. Disponível em <http://www.educador.brasilecola.com/trabalho-docente/andragogia.htm>
- LEITÃO, C. F. **Buscando caminhos nos processos de formação/automação**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.27, p.25-39, Set/Out/Nov/Dez. 2004.
- MOREIRA I. C. et al. **Terra Incógnita**: A interface entre ciência e público, Editora Vieira Lent. Rio de Janeiro, 2005.
- OLIVEIRA, A. B. **Gestão Andragógica**: Tornando a empresa Adulta, Belo Horizonte, UNA, 1999.
- OSORIO, A. **Educação Permanente e Educação de Adultos**. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2003.
- PERISSÉ, G., **Andragogia** - Disponível em: www.correiocidadania.com.br Acessado em 15/09/2016.
- PINTO, A. V. **Sete Lições Sobre Educação de Adultos**. 15 ed. São Paulo, Cortez Editora, 2007.
- RODRIGUES, N. **Educação**: da formação humana a construção do sujeito ético. Rev. Educação & Sociedade. ano XXII, n 76, Outubro/2001.